



## **A recepção da telenovela por jovens de classe alta: as mediações da família e da escola<sup>1</sup>**

Bianca Riet VILLANOVA<sup>2</sup>  
Juliano Florczak ALMEIDA<sup>3</sup>  
Laura Roratto FOLETTO<sup>4</sup>  
Veneza Mayora RONSINI<sup>5</sup>

Universidade de Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O texto discorre sobre a relação entre o consumo da televisão por jovens de classe média alta e alta e as mediações da escola e da família, a fim de levantar questões sobre a leitura crítica da telenovela. Almejando combinar o modelo teórico-metodológico codificação/decodificação (Hall, 2003a) com a teoria das mediações de Martín-Barbero (2002), o artigo apresenta uma análise das representações da pobreza e da desigualdade do texto televisual, bem como das decodificações juvenis. Ao mesmo tempo, verifica-se o papel da escola e da família na conformação dessas leituras. Percebe-se que a escola tende a contribuir para a construção de uma consciência crítica, ao passo que, no ambiente familiar, o tema da pobreza e da desigualdade pouco é comentado. Dessa forma, as decodificações negociadas predominam, como indicava Hall (2003a).

**PALAVRAS-CHAVE:** recepção; telenovela; juventude; mediações; codificação/decodificação.

### **Introdução**

Nosso objetivo é compreender as relações entre as representações da pobreza nas telenovelas exibidas no horário nobre (novela das oito) e a reprodução da ideologia do desempenho, com base na análise da telenovela e das apropriações efetuadas por oito jovens de classe alta e média alta, meninas e meninos, todos brancos, na faixa etária dos 14 aos 18 anos.<sup>6</sup> Tanto para a análise das representações na telenovela quanto das leituras efetuadas pelos receptores, aplicamos o modelo codificação/decodificação (Hall, 2003a; Morley, 1996) e o modelo teórico das mediações (Martín-Barbero, 2002, p. 227) adaptado para o estudo de recepção que inclui a tecnicidade, a socialidade e a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da FACOS-UFSM. Bolsista PROBIC/FAPERGS. E-mail: biancariet@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Ciências Sociais da UFSM. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: juliano.florczak@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Relações Públicas da FACOS-UFSM.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFSM/RS. Pesquisadora do CNPq.

<sup>6</sup> Cinco entrevistados possuem 17 anos.



ritualidade<sup>7</sup>. Comparamos a análise do texto com a interpretação que o receptor efetua do mesmo, tendo como base a compreensão do papel da família e da escola como reguladoras dos modos de ver televisão no ambiente doméstico.

### **Codificação hegemônica, negociada e opositiva no texto televisual**

O modelo de Hall estabelece o conceito de sentido preferencial, que se refere aos sentidos dominantes de um texto qualquer, o qual pode ser decodificado de três modos hipotéticos: hegemônico, negociado ou opositivo. Na adaptação que elaboramos do modelo, a codificação pode também apresentar estas três modalidades, corrigindo uma falha apontada por Hall, que “o modelo trata a institucionalização da comunicação como algo demasiadamente unidimensional e diretamente relacionada à ideologia dominante” (Hall, 2003b, p. 368). Sobre isso, entendemos que as narrativas midiáticas são majoritariamente, mas não exclusivamente, dominantes.

A visão hegemônica diz respeito à manutenção e justificação da estrutura de classes, a visão negociada a que hesita entre questionar e afirmar a naturalidade da cisão da sociedade em classes e a visão opositiva a que demonstra seu caráter arbitrário e injusto. Neste estudo, a codificação opositiva só foi observada em uma única cena na novela *Duas Caras* – na qual as posições do rico e do pobre são invertidas – e a decodificação opositiva em relação à telenovela não foi observada.

O exame da codificação da ideologia meritocrática<sup>8</sup> nas novelas que fizeram parte do corpus - *Páginas da Vida* (10/07/2006 à 02/03/2007), *Paraíso Tropical* (05/03/2007 à 28/09/2007), *Duas Caras* (01/10/2007 à 31/05/2008), *A Favorita* (02/06/2008 à 17/01/2009) e *Caminho das Índias* (19/01/ 2009 à 12/09/2009) revela que a narrativa segue o padrão dominante ou negociado. A conclusão de Souza (1999) sobre a construção do popular em 25 telenovelas do horário nobre (*Sétimo Sentido*, *Tieta*, *Roque Santeiro*, *Pátria Minha*, *Renascer*, etc) da Rede Globo exibidas nas décadas de 1980 e 1990 aponta mais ou menos nesta direção: a ênfase na codificação dominante, com ascensão social dos personagens de classes populares pelo trabalho ou pelo casamento com membros de classes privilegiadas. E observa, na trajetória de um

---

<sup>7</sup> As categorias já foram exaustivamente trabalhadas em outro texto (Ronsini, 2010). Aqui elas estão desdobradas nos indicadores que as constituem: tecnicidade (a codificação no texto televisual), socialidade (a família e a escola como instâncias que moldam a visão de mundo dos receptores), ritualidade (o momento de ver televisão no espaço doméstico).

<sup>8</sup> A Ideologia meritocrática legitima a desigualdade ao considerar que qualificação individual e esforço pessoal sejam fatores acessíveis a todos para o alcance de posições sociais vantajosas (SOUZA, 2003, p.169).



único personagem na novela *Renascer* (1993), de Benedito Ruy Barbosa, uma postura de crítica social diante de personagens e situações de pobreza (ibidem, p. 7).

A aplicação do método codificação/decodificação foi um processo que consistiu em analisar: a) o texto televisual; b) as representações dos entrevistados acerca do mérito pessoal nas chances de ascensão social; c) as representações dos entrevistados sobre a pobreza e a desigualdade na sociedade de classes; d) as decodificações das representações da pobreza e da desigualdade na televisão.

### **A mediação da família e da escola**

Os jovens de classe alta e média alta possuem um perfil socioeconômico e cultural mais ou menos homogêneo: baixo capital cultural quando medido pelo acesso restrito a bens culturais fora do circuito midiático e capital cultural superior se medido pelos anos de escolarização dos pais. A escolaridade mais comum entre os pais é o Superior Completo: cinco homens e todas as mulheres o completaram. Das oito mulheres com ensino superior, uma possui mestrado, e dos cinco homens, quatro possuem mestrado e um doutorado. Os outros três homens ou não completaram o Ensino Médio (dois pais) ou cursaram o Ensino Médio completo (um pai).

A maioria das famílias é nuclear, compostas de pai, mãe e irmãos, com uma média de dois filhos por casal. Mais da metade dos pais são casados, sendo que somente três são separados. A condição econômica das famílias se caracteriza por renda mensal que varia de oito a dez mil reais<sup>9</sup>. Em três casos a condição econômica é classificada como classe média alta, pois as profissões do membro melhor situado, dois pais e uma mãe, são, respectivamente, professor ensino superior, arquiteto e gerente bancária. Os cinco outros entrevistados advêm de famílias de classe alta<sup>10</sup>, sendo que o membro melhor situado de três delas é proprietário empregador e dois são profissionais empregadores.

As profissões exercidas pelo membro melhor situado na família, mãe ou pai, incluem as seguintes ocupações: proprietária de empresa prestadora de serviços estéticos, proprietário de loja de autopeças, proprietário de agroindústria, médico ginecologista, médico radiologista, professor de Ensino Superior, gerente de agência bancária e arquiteto.

---

<sup>9</sup> O que corresponde a uma renda de 14,6 a 19,2 salários mínimos. O salário mínimo regional no RGS, em 2011, é de R\$ 546,57.

<sup>10</sup> Doravante empregaremos o termo classe alta para se referir a ambas as frações de classe (alta e média alta). Quando houver alguma distinção substantiva entre as frações, especificaremos.



Perguntados sobre as atividades prediletas de seus pais, os jovens entrevistados responderam que eles procuram se divertir em passeios (viajar, ir à fazenda), assistindo TV (assistir jogos de futebol) ou praticando esportes (correr com carros de corrida, jogar futebol). Ressaltando que um jovem não convive com o seu pai. O lazer das mães dos oito jovens entrevistados se caracteriza pela combinação de atividades praticadas no espaço privado e no espaço público, pois procuram se divertir em passeios/compras, cuidando de plantas ou do seu corpo e sua saúde (caminhadas ao ar livre), programas com a família, TV, leitura ou atividades artísticas (desenho).

Das atividades de lazer preferidas dos jovens, somente uma delas está diretamente relacionada ao consumo de mídia. Trata-se de um menino que prefere utilizar suas horas de lazer divertindo-se no computador. Todas as demais estão relacionadas com o prazer da companhia dos amigos, esporte ou festas.

As atividades realizadas no tempo livre mais recorrentes (praticadas regularmente - sempre) por grande parte dos jovens é: usar a internet (sete); assistir TV (cinco); visitar os amigos (cinco). Os jovens também assinalaram visitar os parentes (três), praticar esportes (três); ler livros (dois), ler revistas (dois) e ler jornal (dois); ir a bares (um); escutar o rádio (um). As demais atividades (teatro, cinema, DVD/VC, shows, clube) não são realizadas regularmente por nenhum jovem de classe alta. Os jovens de classe alta nunca freqüentam CTG. Na repartição do tempo livre, há certa preponderância da sociabilidade mediada (19), a despeito da presença de interações não-mediadas (12) pelos meios de comunicação nas horas de lazer juvenil. Cabe ressaltar, contudo, que três entrevistados responderam ocupar seus momentos cotidianos de lazer principalmente com atividades mediadas. Os cinco outros jovens dividem o tempo de forma mais ou menos equivalente.

Observa-se que, ao contrário dos pais cujas atividades prediletas se dividem em mediadas e não mediadas, as atividades prediletas de lazer dos filhos são festas e a companhia dos amigos. O tempo diário de exposição dos jovens à tevê varia de menos de 2 horas a mais de 5 horas. As faixas de exposição mais recorrentes são menos de 2 horas (dois meninos) e de 2 a 3 horas (um menino). Somando as faixas com índices elevados de horas assistidas – de 3h a 4h, de 4h a 5h, de 5h a 6h – aparecem outros cinco entrevistados, dos quais quatro são meninas.

Segundo o relato dos entrevistados, a educação transmitida pelos pais inclui valores morais como trabalhar, lutar, união familiar e perseverança, a propensão a atitudes como respeito ao próximo, além da ênfase no caráter como humildade,



honestidade e integridade. A importância de trabalhar para conquistar a autonomia é mencionada por apenas uma jovem.

Os modos de ver TV na família indicam que quase a totalidade dos jovens assiste a pelo menos um programa com os pais e irmãos, sendo que cinco jovens assistem à novela e seis assistem a programas jornalísticos (*telejornais*) acompanhados de familiares, mesmo que indiquem preferir outros gêneros. Não se observa, portanto, assistência individual, mesmo que o número de televisores no lar dos jovens de classe alta varie entre três e quatro.

Todos os oito jovens têm assinatura de TV a cabo, preferindo os gêneros filmes, humorísticos e noticiários, os quais assistem na Rede Globo, *Discovery* e *Telecines*. Os oito jovens possuem internet banda-larga, comunicando-se diariamente com os amigos pela rede. A média de assistência de TV é de três horas diárias para cada um dos entrevistados, e todos usam diariamente o computador, cujo número, nos lares, varia de um a três.

A assistência da telenovela das oito da Rede Globo e de programas com conteúdo jornalístico é um hábito regular – ainda que não seja um hábito diário em todos os casos – para a maioria das famílias dos jovens entrevistados, principalmente para aquelas cujos integrantes estão em casa no período da noite. Os programas jornalísticos/informativos (*Telejornais*) podem ser considerados os mais assistidos, principalmente em conjunto pela família, seguido da telenovela.

No que se refere aos comentários que os pais tecem a respeito da programação televisiva, verifica-se que em cinco lares há algum tipo de comentário negativo e, também em cinco, positivo. Os comentários negativos referem-se tanto aos temas abordados quanto ao modo de tratá-los, sendo mais comum que os pais critiquem a realidade evocada pela TV (violência). Também há casos de críticas quanto ao tipo de abordagem (sensacionalismo). As críticas à telenovela não são feitas por nenhum dos pais dos jovens de classe alta. Já os pais que comentam positivamente sobre a TV, focam principalmente o caráter informativo do veículo, expresso por meio de boas reportagens jornalísticas e pelos valores e o conhecimento que esses programas transmitem ao telespectador, e sua capacidade de retratar a realidade.

Na classe média alta, somente uma jovem afirmou assistir raramente telenovelas, preferindo séries e filmes. Os que afirmam assistir pouco à TV em companhia da família alegam gostar mais de filmes do que dos programas oferecidos. No geral, a família não controla a assistência nem a quantidade de exposição, não ocorrendo muita



interferência, que, se ocorre, é ocasionalmente no momento da assistência com comentários esparsos e sintéticos que não resultam em debate.

Os sonhos que os programas de televisão, incluindo a novela, evocam nos jovens dizem respeito à carreira que querem seguir, sendo que três entrevistados responderam que a TV ajudou na inspiração nas profissões de Medicina e de Odontologia, as quais pretendem seguir.

Somente um entrevistado não estuda em escola particular. Os demais estão matriculados em cinco escolas privadas, sendo quatro confessionais e uma laica, onde três assistem aulas. As rotinas dessas escolas, segundo narrativas juvenis, não são tensas. Há queixas à disciplina, à hierarquia, ao relacionamento com os professores ou ainda aos métodos de avaliação, mas nenhum entrevistado de classe alta reclamou dos métodos pedagógicos por considerá-los pouco interessantes. Contudo, o que mais valorizam na escola são as relações sociais entre colegas e amigos.

Além disso, não concordam de todo que os jovens estudam pouco – ou acreditam que jovens estudam bastante ou apresentam seus colegas como exceção. Mas isso não quer dizer que estes entrevistados identifiquem o processo de aquisição de conhecimentos como prazeroso. Conforme a maioria dos entrevistados – seis –, os jovens não estudam porque são seduzidos por “distrações”, como “coisas ditas mais divertidas”, “fazer festas” ou meios de comunicação, tais como a televisão, o computador, a internet e o vídeo game, construindo – ou denunciando – uma oposição entre escola e o aproveitar a vida, discursivamente explicitada/levantada por um entrevistado. O desinteresse dos jovens por livros é facilmente associado ao fascínio causado pelos meios de comunicação, em especial a televisão, porém a escola não incentiva o gosto pela leitura e não busca formas de relacionar-se com o mundo da imagem (MARTÍN-BARBERO, 2003). A escolha da carreira mostra-se dominada por profissões que exigem cursos de nível superior e que se caracterizam como ocupações de classe alta ou média alta, todas permitindo, pois, a reprodução da condição financeira em relação à família de origem ou mesmo, em alguns casos, certa ascensão social: administrador, arquiteto, diplomata, engenheiro, médico, dentista, policial federal.

A escola – normalmente adjetivada pelo predicativo “tudo” – é extremamente reconhecida e valorizada, especialmente como meio de garantir um futuro com estabilidade financeira ou de “chegar muito longe” – como uma menina expressou-se, de tal forma que não é considerada “chata”. O acesso a mais direitos, dinheiro,



privilégios e uma melhor posição social é identificada com um maior nível de escolarização. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 27).

Quando perguntados sobre o que menos apreciam na escola, três reclamam da hierarquia escolar ou das regras dessa instituição. Outras duas (Laila e Lara) queixam-se da infra-estrutura do educandário que freqüentam, a qual visaria “somente o estudo” (Laila), de forma que “o nosso lazer acaba ficando um pouco de lado, já que não temos muito espaço” (Laila). Observa-se, portanto, que dentre as críticas feitas apenas uma se refere ao sistema de ensino (hierarquia/regras). Outros dois entrevistados reclamam dos relacionamentos na escola, marcados, segundo os entrevistados, pelo preconceito.

Em outra pergunta sobre quais os fatores que atrapalham as relações sociais entre os alunos, ou entre alunos e professores, obteve-se que os conflitos predominantes enfrentados pelos jovens de classe alta dizem respeito ao desempenho nas avaliações escolares, ao relacionamento com os professores e com os problemas identitários da fase juvenil (aparência, popularidade entre colegas).

Acerca do tratamento da temática da pobreza e da desigualdade na sala de aula, os depoimentos apontam que não são poucos os professores de escolas privadas e públicas que tocam na raiz do problema – a falta de políticas públicas, a concentração de renda, a exploração dos países periféricos pelos hegemônicos, etc. Mas somente dois alunos cujos professores oferecem uma explicação estrutural apresentam interesse pelo tema. Os docentes de outros dois jovens são igualmente críticos – apontando as relações entre países ou a infra-estrutura nacional com a pobreza –, mas esses entrevistados não demonstram dar importância ao tema. Os pontos de vista da pobreza como vitimização ou carência geram mais comentários dos alunos que parecem assimilá-los com mais facilidade. Finalmente, há os entrevistados que não se deixam mobilizar pelo assunto e respondem de modo totalmente evasivo à questão. Depreende-se daí que, em geral, as escolas freqüentadas por jovens de classe alta não apresentam discursos hegemônicos – nenhum dos jovens relatou que seus professores acreditam que a pobreza é determinada por questões meramente individuais, sem ter vínculos estruturais – e dentre as opiniões relatadas, as críticas eram as mais freqüentes. Assim, a ressonância que a escola tem entre os jovens de classe alta é no sentido de afirmar ou reafirmar valores contra-hegemônicos, mas que nem sempre são bem recebidos, ou de mobilizá-los para a vocação assistencialista em relação à pobreza através do discurso da vitimização – que, cabe destacar, os ouvidos dos jovens recebem com mais efetividade.



Ao contrário da família, onde esse assunto parece ser pouco debatido, na sala de aula se promove discussões como parte de tópicos curriculares em diversas disciplinas como História, Geografia e Redação. Solicita-se aos próprios alunos a realização de pesquisas ou escritura de redações, além de haver exposições orais dos professores. Observa-se que as duas jovens que decodificam a representação da pobreza na telenovela de modo hegemônico revelam abordagens professorais cujo tom é negociado (vitimização) ou opositivo, sendo que neste último caso o tema não desperta o interesse da jovem – ao contrário do que acontece no caso de discursos vitimizantes. Já entre os medianamente críticos, há entrevistados que legitimam discursos críticos e também uma ratificação de discurso vitimizante, bem como dois casos de não reconhecimento de visões professorais críticas. Portanto, a mediação da escola tende a conformar uma consciência crítica nos jovens de classe alta, no entanto, tal nem sempre ocorre porque a visão de mundo desses entrevistados, no mais das vezes, não reconhece discursos críticos, ao contrário dos discursos vitimizantes.

### **Decodificações dominante, negociada e opositiva**

Para classificar os entrevistados em críticos (leituras opositivas), medianamente críticos (leituras negociadas) e acrícos (leituras preferenciais), em termos do grau de criticidade quanto às representações da pobreza e quanto às leituras da tevê, seguimos três etapas, já relatadas em outro texto (Ronsini et al., 2009).

A visão de mundo crítica ou opositiva é entendida como a capacidade de perceber as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais para evitá-la ou superá-la; uma visão de mundo medianamente crítica ou negociada se caracteriza pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais; e uma visão acríca ou dominante é aquela que atribui ao indivíduo total responsabilidade acerca da posição de classe na hierarquia social.

A respeito das leituras da pobreza/desigualdade na televisão, os resultados finais da análise das representações da pobreza, na etapa 1, indicam que nenhum dos oito entrevistados é crítico, seis são medianamente críticos e dois são acrícos; na etapa 2, indicam que nenhum é crítico, três são medianamente críticos e cinco são acrícos; na etapa 3, indicam que nenhum é crítico, seis medianamente críticos e dois são acrícos. A tabela final, sistematizada através da soma das pontuações obtidas em cada uma das etapas analíticas que classificam os entrevistados em críticos, medianamente críticos e





acríticos, aponta que nenhum entrevistado é crítico, cinco são medianamente críticos e três são acríticos.

Na etapa 1, o resultado parcial referente à leitura dos discursos que circulam sobre o desempenho de classes e indivíduos, em termos de trabalho, renda e educação formal (ideologia meritocrática), revela que nenhum entrevistado é crítico (leituras opositivas), quatro são medianamente críticos (leituras negociadas) e quatro são acríticos (leituras hegemônicas).

Em relação ao resultado total obtido quanto à leitura da desigualdade e da ideologia meritocrática, observa-se que a proporção de entrevistados críticos permanece a mesma, a de medianamente críticos decresce (seis baixa para quatro) e sobe a dos entrevistados acríticos (dois sobe para quatro), comprovando a ideologia meritocrática como fator de opacidade em relação à percepção da desigualdade brasileira, que é mais ou menos evidente para os jovens, a julgar pelo número de leituras negociadas. Aqui vemos o funcionamento da ideologia dominante em termos de sua face preferencial, não negociada, na sua tarefa de justificação da pobreza e da desigualdade mediante a aniquilação da distância entre classe e personalidade.

Na etapa 3, o resultado final acerca das leituras das representações da pobreza na televisão (telejornal e telenovela) não é diferente do registro das leituras exclusivas da telenovela. O resultado final da leitura das representações da pobreza/desigualdade na tevê é igual ao resultado parcial da leitura da telenovela: seis são medianamente críticos e dois são acríticos em ambos.

Quando consideramos os resultados totais das leituras (mérito/desigualdade, desigualdade, televisão), comprova-se parcialmente o pressuposto teórico do modelo metódico adotado (Hall, 2003a, p. 371), segundo o qual a maioria de nós, a maior parte do tempo, faz leituras negociadas, uma vez que: a) as decodificações negociadas são predominantes na primeira e na última etapas e as preferenciais são significativas na etapa intermediária; b) as leituras negociadas são mais ou menos constantes no conjunto da análise, porque uma leitura preferencial significa o predomínio de leituras preferenciais combinado com leituras negociadas e uma leitura negociada significa ora utilizar o código dominante ora um referente alternativo a ele (leitura opositiva).

Entretanto, o resultado parcial obtido na etapa 3, a respeito da leitura específica do mérito na telenovela, revela leituras preferenciais. O que é bastante curioso é que a classe alta se manifesta de forma negociada quando responde a questões relacionadas à meritocracia, mas na leitura da telenovela se manifesta de modo preferencial em relação



ao mérito. Talvez se possam explicar esses resultados pelo fato de que para a classe alta é mais fácil perceber o quanto as oportunidades importam para que se tenha um dado estilo de vida, mas o interesse e a posição de classe facilitam a naturalização da desigualdade.

Outro fator que dificulta a análise da assimilação do mérito diz respeito ao teor dos dados obtidos quando se avalia as respostas acerca do mérito na etapa 1 e o mérito na etapa 3 (telenovela). Quando se questiona os jovens sobre a relação entre sucesso e dinheiro e sucesso e esforço, as respostas indicam que alguns questionam o mérito em função de vantagens obtidas por meio de interferências pessoais ou mesmo corrupção que seriam comuns na sociedade brasileira. O resultado é que formalmente o mérito é questionado quando na verdade, não se descarta sua eficácia na maior parte das situações.

A seguir ilustramos os resultados relatados acima com a descrição das falas dos receptores. Primeiramente, apontaremos os tipos de decodificações efetuadas pelos receptores acerca das representações da pobreza e da desigualdade na telenovela (por motivos de espaço, faremos breves alusões à análise das codificações e decodificações do telejornal) e das formas como elas estão ou não impregnadas pela ideologia meritocrática. Em seguida, estabeleceremos correlações com a assimilação da ideologia meritocrática, verificada na primeira etapa da análise mediante questões fechadas da entrevista acerca das relações entre competência individual, ascensão social e riqueza.

As leituras preferenciais ou acríticas (Maria, Lara) são aquelas nas quais os entrevistados concordam totalmente com as representações positivas da pobreza na telenovela, destacando perfis psicológicos positivos ou negando os conflitos de classes.

“Na Malhação mostra muita intriga e disputa entre roupas. No meu colégio eu não vejo muito intriga desse tipo. Malhação mostra o cotidiano dos jovens na escola, mas acho que é muito exagerado, as brigas, confusões. E essa coisa do pobre e do rico, pelo menos na minha escola, eu nunca vi. Mas acho que se acontece, as pessoas ficam juntas e não é a classe social que vai impedir isso.” (Laila, 17 anos).

“Eu acho que na minha escola não existe muito a discriminação pelo dinheiro. Existem bastante grupinhos também, mas não com a rivalidade apresentada em Malhação.” (Lara, 17 anos).

“Naquela Duas Caras eu achei isso bem interessante, eles tinham poucas condições mas eram bem felizes, batalhadores e trabalhadores, mas é claro que essas coisas dependem do meio em que você vive.” (Maria, 17 anos).

“Lembro sim, mas o nome eu não lembro pra dizer. Ele era humilde assim, morava numa casa pobre, não tinha TV em casa, não tinha luxo nenhum. Era uma pessoa boa, confiável.” (Vicente, 16 anos).



As leituras negociadas ou medianamente críticas (Luciano, Hélio, Vicente, Ronaldo, Tainá e Laila) são aquelas nas quais os jovens possuem uma visão objetiva da pobreza como carência, mas sem que isto se constitua simplesmente como algo negativo ou próprio de certo tipo de personalidade que não se adequou ao sistema social. Nelas predomina a percepção do realismo na novela, isto é, os ambientes e o estilo de vida dos personagens são considerados compatíveis com a realidade. Tal semelhança entre trajetórias e situações vividas pelos personagens da novela e atores sociais na realidade cotidiana é entendida dentro de uma lógica ambígua: os personagens ou atores sociais são avaliados positiva ou negativamente de acordo com o sucesso ou o fracasso da sua trajetória de mobilidade social, mas há também uma visão recriminatória da riqueza e da desigualdade que eles observam nas tramas das novelas.

“Os pobres retratados na novela *Senhora do Destino* é o núcleo da favela. A personagem da Lady Daiane que estudava e engravidou cedo, com 15 anos, e teve que se virar na vida com ajuda da mãe e do irmão, pois o seu pai era um marginal que batia na mãe.” (Tainá, 18 anos)

“Em alguns casos, sim. No caso da família, na casa dos Cadore, eles possuem duas empregadas que são tratadas bem, são amigas da família, e algumas vezes, quando a empregada já vem acompanhando a família há algum tempo, realmente, ela é bem quista pela família.” (Hélio, 17 anos)

“Malhação é uma novela que sempre aborda a questão de ricos e pobres, onde os pobres sempre vão batalhar e no final vai dar tudo certo para eles, mas acho isso um pouco fora do comum, não é tão realista assim, mas depende da temporada.” (Laila, 17 anos)

Não foram observadas leituras opositivas ou críticas, isto é, as que manifestam descrédito na ascensão social possibilitada apenas pelo empenho pessoal e a consciência entre as diferenças existentes entre a vida real e o melodrama, no qual a condição dos pobres é sempre amenizada e cujo enfoque mascara o conflito entre ricos e pobres. As críticas ao tratamento das relações de classe e às representações da pobreza e da desigualdade se atêm a discordâncias sobre as representações negativas dos ricos: ganância, mau caráter, subordinação dos empregados.

Em relação ao padrão de resposta dos seis jovens medianamente críticos na leitura da novela, tem-se: em uma entrevista há correspondência entre leitura medianamente crítica da novela e leitura medianamente crítica da ideologia meritocrática, enquanto nas demais cinco entrevistas não há correspondência, pois todos eles manifestam leitura acrítica da ideologia meritocrática. Finalmente, para os dois entrevistados classificados como acríticos na leitura da novela há correspondência de leituras acríticas da ideologia meritocrática.



Os jovens de classe alta e média alta não criticam os modos de ascensão pelo trabalho e pela competência apresentados na ficção televisiva e os casamentos entre pessoas pobres e pessoas ricas é comentado por apenas dois deles, mas sem nenhum tom de crítica ou de aprovação. Os ideais manifestos em relação ao estilo de vida são os de manter o conforto que já possuem, de realização profissional e familiar, não sendo possível afirmar que a televisão os inspire quanto a sonhos de consumo porque nenhum deles expressa sonhos de consumo ligados à assistência de televisão. Quanto aos sonhos inspirados pela televisão, duas meninas e um menino afirmam que a escolha da carreira teve influência da tevê, sendo que dois atribuem o interesse pela Medicina em razão de um seriado norte-americano e de reportagens.

O que podemos inferir da leitura dos dados sobre a importância da tevê na assimilação da ideologia meritocrática é que a telenovela pode estar relacionada com a sua reprodução, vale dizer, o foco das novelas na preponderância de fatores individuais nas chances de ascensão e condições financeiras favoráveis opera de forma objetiva, opaca e implícita.

“História legal, como a de muitos modelos, nasceu pobre, sofreu preconceitos e atingiu o sucesso.” (Luciano, 14 anos, comentando sobre o caso de Helena em *Viver a Vida*)

“A personagem Dafne, vivida por Flávia Alessandra em *Caras e Bocas*, que recuperou o que tinha, com muito esforço, depois de sofrer um golpe.” (Maria, 17 anos)

“O que eu quero dizer é que, assim, oh, se, pra ti consegui emprego, essas coisa, é só tu *querê*... Se tu tá meia boca, assim, essas coisa, assim, tu não consegue! É lógico! No caso, é esforço da pessoa. Mesmo uma pessoa sem educação consegue um bom emprego. Claro: não um emprego com um alto salário, mas consegue [...]” (Ronaldo, 17 anos, comentando sobre o caso de Benê, em *Viver a Vida*)

Acerca das decodificações da pobreza e da desigualdade no telejornal, apenas dois jovens decodificam o discurso informativo de modo crítico, seja pela percepção das distinções de classe baseadas na desigualdade de oportunidades, seja pela sensibilidade com que percebem as dificuldades dos pobres. Depoimentos que contrastam com os dois últimos nos quais as decodificações são preferenciais, onde os entrevistados naturalizam a carência e a ignorância dos pobres ou associam a pobreza com risco (o pobre contraventor). As decodificações negociadas são aquelas nas quais os entrevistados se manifestam de modo objetivo acerca dos modos concretos de aparição das pessoas humildes ou do estado de espírito delas, descrevendo-as através das “roupas simples”, do trabalho exaustivo, do cansaço que aparentam.

“O vestuário deles parece ser bem simples, bem humilde, se é feio ou bonito, não vou ser eu que vou julgar. A linguagem deles tem bastante erro na fala e na escrita, acho que pelo fato de eles



não terem estudado muito, ou não terem tido a oportunidade. A expressão deles parece ser uma expressão triste.” (Laila, 17 anos)

“Linguagem simples, vestimentas simples, sentimentos comuns, aparência sofrida e cansada.” (Luciano, 14 anos)

“A linguagem deles é de nível baixo (mas nem tão baixo assim para colocar em TV aberta), a aparência de alguns são de pessoas sujas, que não se preocupam com nada a não ser prejudicar o outro.” (Tainá, 17 anos)

“Aparência precária, o vestuário deixa isso muito claro, quase todos estão em más condições. Quanto ao modo de falar parecem ser muito ignorantes, não falam corretamente e, às vezes, acusam médicos e pessoas que os atendem de incompetência por não terem compreensão da situação em que se encontram.” (Lara, 17 anos)

### **Apontamentos finais**

No cotidiano dos jovens de classe alta, a televisão simboliza informação, através dos telejornais, sendo que a escolha profissional desses jovens, em alguns casos, é devido à influência da telenovela. Além disso, a escola e a internet estão atreladas ao cotidiano como fontes de acesso ao saber, mas enquanto a mídia em geral simboliza o prazer, a escola representa o dever.

A média de tempo diário destinado à tevê é de três horas, sendo que todos os jovens têm acesso à tevê paga. Há heterogeneidade entre os gêneros prediletos, que incluem filmes, humorísticos e noticiários. A telenovela é pouco expressiva entre os gêneros preferidos da classe alta, apesar disso, sua assistência é confirmada pelos jovens, que recordam personagens e descrevem cenas. Por outro lado, os relatos sintéticos acerca dos comentários dos pais sobre a novela e os programas em geral sinalizam um desinteresse ao veiculado pela mídia. Se assistir TV é uma atividade que se faz em família no cotidiano dos jovens entrevistados, o conteúdo televisivo, ao contrário de ser o motivo da reunião, é antes a justificativa discursiva para o encontro familiar. O objetivo parece ser estabelecer espaços de sociabilidade e trocas entre os membros da família. Caso a intenção fosse tomar conhecimento do que é transmitido pela TV, o número elevado de televisores permitiria que cada indivíduo assistisse a seu programa predileto. Porém, submete-se a uma negociação do canal justamente porque se quer estar junto. Assim, o ver novela para a classe alta não possui a dimensão do encantamento ritualisticamente consagrado característico da classe popular (Leal, 1986) – é uma prática banal não fosse a importância da reunião familiar. A informação do telejornal goza de maior prestígio e tem mais afinidades com a racionalidade dominante, porém é um momento de encontro entre os membros da família, operando como fator de redução de distâncias entre as gerações (Lopes et. al, 2002, p. 372).



Não é possível afirmar que quanto maior o grau de envolvimento com a escola e com a cultura letrada, maior a possibilidade de leitura crítica da telenovela e da televisão: os jovens com disposições escolares proativas - familiarizados com a leitura de livros, com participação em grêmios ou grupos religiosos, tanto são acríticos como medianamente críticos nas decodificações das representações da pobreza e da desigualdade na telenovela. Por outro lado, mesmo que os professores se manifestem sobre as causas estruturais e históricas da desigualdade brasileira, eles não se interessam em compreendê-las. A leitura medianamente crítica da pobreza na novela é a predominante, a qual aponta as semelhanças e as dessemelhanças entre ricos e pobres na ficção e na vida real e reconhece um tratamento melodramático irreal para as relações entre as classes.

Na classe alta, a distinção que se observa entre decodificações da novela e visão de mundo é que enquanto as decodificações da novela são negociadas, as visões de mundo são dominantes, isto é, se nas decodificações da novela os receptores oscilam entre leituras dominantes e opositivas, na visão de mundo manifestam um ponto de vista dominante. Talvez porque distanciados da realidade dos pobres no cotidiano, a novela lhes permita pensar sobre as diferenças de classe.

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. “Codificação/decodificação”. In: SOVIK, Liv. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte-Brasília: UFMG-Humanitas, 2003a.

\_\_\_\_\_. “Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação. Uma entrevista com Stuart Hall”. In: SOVIK, Liv. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte-Brasília: UFMG-Humanitas, 2003b.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1983.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. & RESENDE, V. R. *Vivendo com a telenovela*, São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La educación desde la comunicación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2003.

\_\_\_\_\_. *Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MORLEY, David. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.



RONSINI, Veneza. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, 2010, Rio de Janeiro, p. 1-15.

RONSINI, Veneza et. al. Estudos de audiência e de recepção da telenovela: a juventude em cena. In: LOPES, Maria Immacolata V. de et al. (org.) *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. Globo, 2009.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: Para uma sociologia da modernidade periférica*. Belo Horizonte:UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, Maria Carmem J. de. *Representação do popular e campo da telenovela: um close em Benedito Ruy Barbosa*. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica/SP, São Paulo.